



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
LICENCIATURA EM DANÇA

Luiza Gil Vargas da Silveira

Metodologia de ensino de Jazz

Porto Alegre

2018

Luiza Gil Vargas da Silveira

Metodologia de ensino de Jazz

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pela acadêmica Luiza Gil Vargas da Silveira, ao Curso de Licenciatura em Dança da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança/ESEFID da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciado em Dança. Orientadora: Prof.^a Dra. Flavia Pilla do Valle.

Porto Alegre

2018

Luiza Gil Vargas da Silveira

Metodologia de ensino de Jazz

Conceito final:

Aprovado emdede 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. - UFRGS

Orientadora– Prof. Dra. Flavia Pilla do Valle

RESUMO

O Jazz é uma dança que se originou da fusão da cultura africana com a americana, assim como a música jazz. Ao longo da história, a dança Jazz foi ganhando espaço na mídia, partindo dos palcos da Broadway para a TV. Hoje o Jazz é ensinado nas academias de dança e ginástica para crianças, jovens e adultos. Pela sua tradição oral e por ter poucas publicações específicas sobre metodologia nesta modalidade de dança, há uma necessidade de aprender mais sobre seus modos de educação. Este trabalho se propõe a investigar o ensino da dança Jazz em Porto Alegre com duas professoras de cursos livres com ênfase na formação inicial. Para isso, se tem como objetivos específicos: conhecer o histórico dos professores entrevistados; discutir a contribuição pretendida por escolas e professores na formação a longo prazo dos alunos; apontar possibilidades de planejamento anual, semestral ou de outro formato; identificar os critérios que estabelecem os níveis de aprendizado que definem as turmas das escolas; distinguir as diferenças de conteúdos (passos, exercícios, alongamento) nos diferentes níveis de aprendizado, com ênfase em crianças; e apontar metodologias utilizadas no ensino da dança Jazz. A questão de pesquisa é saber que modos a dança do estilo Jazz tem sido ministrados por professores de escolas de cursos livres em Porto Alegre? O referencial teórico envolve questões sobre educação e história desta dança. A metodologia, de cunho qualitativo, envolve entrevistas semiestruturadas. Foram selecionadas duas professoras de Jazz para serem entrevistadas. Os resultados apontam que os modos de ensinar das professoras se aproximam, identificando uma base de *ballet*, estruturas de aulas que iniciam com um bom aquecimento e exercícios dessa técnica. Há ênfase para alguns exercícios como o treinamento de saltos para os níveis iniciantes e de dissociação do corpo para todos os níveis. Sobre o nivelamento das turmas não se segue necessariamente uma regra, mas sim se obedece a estrutura da escola e o planejamento do professor. Por fim, destaca-se a importância de uma constante atualização por parte de quem ensina esta técnica. Espera-se que com este trabalho se possa contribuir academicamente acrescentando informações sobre a dança Jazz e sobretudo sobre a metodologia usada nos dias de hoje e os seus resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Jazz; dança; metodologia; educação; Porto Alegre; Laura Nicolaiewski; Caroline Danni

Agradecimentos

Gostaria de agradecer as entrevistadas por terem aceitado prontamente o convite. Por estarem muito receptivas e felizes por participarem desta pesquisa. Foi um imenso prazer reencontrar a minha primeira professora de Jazz, a Laura Nicolaiewisky e ter uma conversa muito agradável e rica em aprendizado; depois de tantos anos ainda pude aprender muito sobre Jazz, agora sobre como ensinar. Também foi muito agradável conhecer a história da Carloline Danni, a qual tenho muito orgulho de trabalhar. Obrigada, Carol, por ter me recebido com carinho e por contribuir para a minha formação como professora.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
1.1. JUSTIFICATIVA	4
1.2. PROBLEMA DE PESQUISA	4
1.3. OBJETIVO GERAL	4
1.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	4
2 REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1 EDUCAÇÃO EM DANÇA	6
2.2 A DANÇA JAZZ EM PORTO ALEGRE	9
2.2.1 Jazz: dos africanos para o mundo	9
2.2.2. Do mundo para Porto Alegre	10
3 METODOLOGIA	11
3.1 População e Amostra	11
3.1.1 População	11
3.1.2 Amostra	12
3.2 Instrumentos da investigação	12
3.3 Plano de coleta de dados	12
3.4 Análise dos dados	12
3.4.1 Entrevistas	12
4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	18
5 CONCLUSÃO	20
REFERENCIAS	21
ANEXOS E APÊNDICES	26
ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	22
APÊNDICE 1 – PAUTA DE ENTREVISTA	23

1 INTRODUÇÃO

O Jazz é uma dança que se originou da fusão da cultura africana com a americana, assim como a música jazz. Ambas possuem grande influência da cultura africana trazida pelos escravos para a América do Norte.

Ao longo da história, a dança Jazz foi ganhando espaço na mídia, partindo dos palcos da Broadway para a TV, onde pode ser mundialmente conhecido. A partir disto, começou a ser ensinada nas academias de dança e ginástica para crianças, jovens e adultos promovendo entretenimento e saúde.

Pela sua tradição oral e por ter poucas publicações específicas em português sobre metodologia nesta modalidade de dança, percebi uma necessidade pessoal de aprender mais sobre como se estabelecer a progressão e definir os níveis da educação da dança Jazz.

1.1. JUSTIFICATIVA

Ensinar dança com qualidade na escola nem sempre é uma tarefa fácil. Muitas vezes não é possível ter diversas turmas, onde os alunos sejam distribuídos de acordo com a faixa etária, permitindo um nivelamento prévio. Não que isto seja a melhor solução, mas ajuda o professor a estabelecer um planejamento com objetivos mais claros do que ele pretende alcançar para com aquelas crianças. Pensando nisso, nas experiências que tive no contexto escolar e também em escolas de cursos livre de dança, senti a necessidade de desvendar possibilidades de planejamentos metodológicos que visam alcançar a evolução do aluno na prática da dança Jazz.

1.2. PROBLEMA DE PESQUISA

De que modos a dança do estilo Jazz tem sido ministrado por professores de escolas de cursos livres em Porto Alegre?

1.3. OBJETIVO GERAL

Investigar o ensino da dança Jazz em Porto Alegre em duas escolas de cursos livres com ênfase na formação inicial.

1.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer o histórico dos professores entrevistados.
- Discutir a contribuição pretendida por escolas e professores na formação a longo prazo dos professores

- Apontar possibilidades de planejamento anual/ semestral ou de outro formato.
- Identificar os critérios que estabelecem os níveis de aprendizado que definem as turmas das escolas.
- Distinguir as diferenças de conteúdos (passos, exercícios, alongamento) nos diferentes níveis de aprendizado, com ênfase em crianças.
- Apontar metodologias utilizadas no ensino da dança Jazz.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO EM DANÇA

O contexto onde se ensina dança, independente do estilo, influencia muito. Podemos dizer que, de maneira geral, numa escola de ensino formal a dança se aplica muito mais a contribuir para a formação global como indivíduo do que propriamente a fazer o aluno aprender técnicas específicas de dança, sendo a ênfase do ensino muito mais pautada na criação. Já nas escolas de cursos livres ou em aulas em espaços privados o contexto parece propiciar que técnicas específicas sejam ensinadas ao longo do tempo, possibilitando que a criança desenvolva todas as suas capacidades e aprimore a técnica. Quando falamos de técnica, falamos de danças codificadas, que apresentam passos definidos formas precisas de execução na música e no espaço (STRAZZACAPPA, 2001).

Antes de se falar o que é metodologia temos que esclarecer o que é didática. Segundo Marques (2004) didática compreende o estudo dos objetivos, dos conteúdos, das metodologias, dos processos de avaliação e das relações professor-aluno no processo educacional. Já para Ferraz & Fusari (2009) didática consiste as orientações ou encaminhamentos educativos que visam ajudar os alunos na apreensão viva, crítica e significativa de noções e habilidades culturais em arte.

Para definir metodologia, gosto da metáfora utilizada por Isabel Marques em que diz: “[...] podemos comparar a metodologia de ensino utilizada pelo professor à estrada, ao atalho ou via escolhida por ele para chegar a algum lugar (metas, objetivos perceptivas.)” (MARQUES, 2004, p.138). Para a autora existem três elementos definidores de uma metodologia para o ensino de dança. O primeiro é o conceito de corpo que está atrelado em como o professor vê, percebe, trabalha, pensa o seu corpo e o dos outros. O segundo é o conceito de dança, como o professor percebe a dança, se ela é uma técnica codificada, se é expressão individual, se é entendida como recurso educacional ou expressão artística. E o terceiro conceito é o de educação, e de ensino que irão gerar as diretrizes para definir uma escolha metodológica. Para este deve-se saber o que se pretende ensinar e o objetivo que deseja. Se é formar bons bailarinos, educar pessoas, promover bem-estar, etc (MARQUES, 2010). Sob a lente das artes Ferraz & Fusari (2009) a autora esclarece dizendo que a proposta metodológica deve considerar as escolhas pessoais e profissionais do professor quanto aos conteúdos de artes, no caso deste trabalho a dança; estes conteúdos devem ser contextualizados e organizados para que os alunos possam fazer, sentir, apreciar e refletir sobre arte.

Para a presente pesquisa, entender o que é metodologia é de suma importância, pois nela moram as estratégias ou os procedimentos escolhidos para se chegar as metas ou objetivos definidos. Para Marques, as estratégias são como os meios de transportes selecionados para se

percorrer a estrada, o caminho escolhido. Pensando nisso, o professor deve estar atento para escolher procedimentos (meios de transporte) adequados a metodologia (estrada) de sua preferência. Portanto, o planejamento das aulas deve estar alinhado ao objetivo que se quer chegar.

Os conteúdos a serem abordados em sala de aula fazem parte das escolhas que o professor fará de acordo com a metodologia e a faixa etária em foco. Para Laban (1990) as crianças entre 8 aos 10 anos necessitam de uma aprendizagem de dança mais metódica para preparar a criança para formas de dança mais criativas e complexas, sendo adequado nesta faixa etária que a criança experimente modalidades codificadas, como o Jazz. Segundo Laban, nesta faixa etária elas se interessam em repetir os movimentos realizados por outra pessoa. A partir dos 12 anos a aprendizagem da dança pode ter um enfoque mais racional do movimento. Nesta fase as crianças sentem a necessidade de danças mais perfeitas e experimentam a sensação de trabalhar para algo mais definido.

As aulas de Jazz possuem um planejamento parecido, estão voltados mais a forma de ensino que visa a cópia, assim como em outras danças. Segundo KRAINES & PRYOR (2005) uma aula de dança Jazz deve ter no seu planejamento os seguintes passos:

- * Pré aquecimento: onde são realizado pequenos movimentos para se evitar lesões.

- * Aquecimento: com exercícios que estimulem a circulação para os músculos visando o progresso dos movimentos que gradualmente devem estender, fortalecer, alinhar e dar coordenação ao corpo. Deve se ter exercícios em pé na barra, deitado ou sentado no chão. O aquecimento pode ter movimentos da técnica do Jazz que depois podem ser colocados em coreografias, assim como movimentos de isolamento do corpo.

- * Exercícios de isolamento: para treinar a técnica de isolar as partes do corpo em especial, cabeça, ombros, tórax e quadril.

- * Exercícios de locomoção: devem concluir o aquecimento, nestes deve-se realizar passos de dança que podem ser colocados em coreografias.

- * Prática de coreografias: onde o aluno vai testar sua performance, sua coordenação e sua memória. Quando o aluno já domina a sequência, a música deve ser introduzida. É recomendado que o grande grupo seja dividido em pequenos grupos para “apresentação” da sequência, facilitando a visibilidade e correção do professor.

Ao final da aula é importante que haja uma volta a calma; nesse momento o professor deve realizar movimentos calmos e que propiciem o alongamento do corpo.

Os autores recomendam que críticas e correções devem ser feitas individualmente para cada aluno. No decorrer das aulas os alunos podem praticar as coreografias e passos a fim de melhorar a sua performance.

Para Caroline Danni Stein uma aula de Jazz para crianças de 6 a 10 anos deve ser da seguinte forma:

- * Apresentação da aula: apresentação do tema da aula ou de como será iniciada.

- * Aquecimento: onde pode ser usada uma brincadeira ou outra atividade com exercícios em frente do espelho.

- * Alongamento: em duplas ou individual em frente do espelho.

- *Diagonais: exercícios técnicos

- *Coreografias

Ao longo dos anos pude adquirir conhecimento sobre a dança Jazz e de como é ensinada. Tive diversos professores mas todos corroboram com os exemplos de planejamentos descritos acima, porém alguns professores também utilizam a barra para praticar a técnica do *ballet*. O que pouco pude observar como proposta, é o uso da criação pelos alunos em aula, se sobressaindo a forma da cópia. Essa maneira de lecionar, segundo Ferraz & Fusari (2009) se assemelha com o método tradicional de ensino, em que o professor encaminha o conteúdo através de atividades a serem fixadas pela repetição, tendo a finalidade de exercitar o olho, a mão, a inteligência, a memorização.

2.2 A DANÇA JAZZ EM PORTO ALEGRE

2.2.1 Jazz: dos africanos para o mundo

A dança Jazz teve sua origem na América do Norte, quando os escravos trazidos do continente africano viviam entre os americanos e observavam a cultura deles. Os negros escravos queriam se expressar assim como faziam nas cerimônias religiosas e nas festas dos seus países, no qual segundo Haas (2013), faziam movimentos com jogo de quadris, de tronco, e isolamento de partes do corpo, (*swing*), mas em 1740, eles foram proibidos de dançar e tocar as suas danças e músicas. Aos poucos a cultura europeia foi sendo introduzida, ocorrendo uma fusão com a dança e música dos escravos africanos, sobretudo a cultura do oeste africano (KRAINES & PRYOR, 2005).

Com o passar do tempo os americanos descobriram as criações dos escravos e a partir disso criaram os *minstrels shows* nos quais os brancos americanos parodiavam as danças e músicas dos negros. Nesta época novos passos foram incorporados ao jeito africano de se movimentar e a música também se modificou para acompanhar a dança, sendo criada a música sincopada, a qual resultou no que conhecemos como Jazz. Transformações ocorreram nos *minstrels shows*, sendo incorporados às comédias musicais, quando ocorreu o seu ápice segundo Morato (1903 apud

HAAS, 2013). Nesta época, houve muitas mudanças na música, com a inclusão de novos instrumentos, o saxofone, o trombone e o clarinete, marcando esta fase como a era do Jazz. Em 1920, o Jazz invadia a Broadway e o charleston foi introduzido; as batidas de pé e de mãos, movimentos típicos dos negros, foram incorporados a ele.

Na década de 1930, alguns filmes popularizaram a dança Jazz e tornaram Fred Astaire conhecido. Nas décadas seguintes outros grandes nomes construíram a história da dança Jazz, fazendo ser como hoje o conhecemos. Na década de 1960 o espetáculo “Cabaré” foi coreografado para a Broadway por Ron Field e “Sweet Charity” por Bob Fosse. Gus Giordano, com estilo clássico, escreveu o livro “Antologia da Dança Americana Jazz”. Na década de 1970 trabalhos históricos foram produzidos, como “Grease”, “Chorus Line” e “Chicago”. Durante a década de 1980 o cinema teve grande importância na popularização da dança, através dos filmes “Fama”, “Footloose”, “Flashdance” e “Dirty Dancing”. Nesta década Michael Jackson, coreografado por Michael Peters causou grande rumor com seus clipes.

Nova York foi um grande celeiro para estudiosos da dança Jazz. Em 1960 Joe Tremaine, outro nome significativo, foi à cidade para fazer cursos de *ballet*, dança moderna, isolamento de partes do corpo, fusões de dança moderna e jazz, e também jazz lírico. A sua multiplicidade garantiu participações, na década de 80, em diversos shows de TV e uma vaga de técnico na Escola Americana de Dança, além de ser coreógrafo da atriz e cantora Liza Minnelli. Em 1990 e 2000 muitos musicais foram reproduzidos, em especial “Chicago”, as competições de dança tiveram forte ascendência.

2.2.2. Do mundo para Porto Alegre

Ao longo de tantos anos a dança Jazz foi se nutrindo de vários movimentos que foram compondo o estilo de dança que conhecemos na atualidade. Apesar de hoje termos diversos estilos de Jazz (Jazz Lírico, Jazz Musical, West Coast Jazz, Jazz Contemporâneo ou Moderno, Jazz Latino e Jazz Afro) todos tem a mesma origem e características que influenciam a forma de se movimentar, uma forte conexão com a música, versatilidade, espontaneidade e entusiasmo (KRAINES & PRYOR, 2005). No Brasil, segundo DANTAS (MUNDIM, 2005, apud DANTAS, 2012), o jazz fortaleceu-se a partir da década de 50, através de shows de televisão, em especial na TV Tupi e na TV Record. Assim, começaram a surgir bailarinas, como Marly Tavares e Vilma Vernon, as primeiras professoras de jazz no Brasil.

Em Porto Alegre, cidade escolhida para se realizar o presente estudo, a Dança Jazz foi introduzida, segundo (HAAS, 2013; DANTAS, 2012) por Suzete Otto, a qual após uma viagem a Nova York, retornou a Porto Alegre e abriu uma escola de jazz chamada Escola Daneche, que

segundo Cunha e Frank (2004, apud HAAS et al, 2013) foi pioneira com o jazz no Rio Grande do Sul. Suzete tinha um estilo muito parecido com o Jazz apresentado na Broadway e seus professores foram Lennie Dale, Marly Tavares e Vilma Vernon, primeiras professoras de jazz no Brasil, além de Luigi Faccuito, JoJo Smith, Franck Hatchten, Fred Benjamin e Pepsi Bethel, professores renomados de dança jazz nos Estados Unidos.

Além de Suzette Otto, outra bailarina é considerada precursora do Jazz em Porto Alegre, Eneida Dreher, ela tinha uma escola chamada Simon Dreher fundada em 1976 após ter aulas com Luigi Faccuito nos Estados Unidos. A segunda geração de professores que iniciaram o ensino de Jazz em Porto Alegre foram Suzana D'Ávila, Anette Lubisco e Edison Garcia. Sendo Suzana uma das pupilas de Suzete Otto, que fundou a Transforma Companhia de Dança, grupo no qual teve muito sucesso no final da década de 1980 e nos anos 1990 (HAAS et al, 2013). Já Anette Lubisco e Edison Garcia foram coreógrafos e bailarinos do Grupo Phoenix durante os anos 1980, estudaram com a professora Marília Danny, também professora de Suzana D'Ávila, que possuía uma academia chamada Fama em Porto Alegre. Ainda segundo HAAS *et all* (2013), muitas academias de dança foram responsáveis por ensinar o Jazz em Porto Alegre na década de 1970 e 1980; entre as escolas estão: Academia Boa Forma de Suzana D'Ávila, Studio Dullius, Escola Maria Julia da Rocha, Escola João Luiz Rolla e Escola de Dança Kitty.

Assim como outros professores, Laura Nicolaiewsky diz que iniciou seus estudos por volta de 1975 e 1976 através do Grupo Phoenix na escola João Luiz Rolla trabalhou na Escola Lenita Ruchel. Nessa época, havia a Associação dos Professores de Dança Clássica do Rio Grande do Sul que, preocupada em melhorar o ensino da dança em Porto Alegre e que trouxe novas técnicas para a cidade. Na área da dança jazz quem veio ministrar aulas foram o bailarino Argentino Ricardo Ordoñez, e o americano Bud Kerwin (Cunha e Frank, 2004, apud HASS *et al*, 2013).

Nos dias de hoje percebo que novos nomes aparecem para dar continuidade ao ensino da dança Jazz em Porto Alegre, dentre eles estão Carol Dalmolin e Caroline Danni Stein, que iniciou seus estudos em 1985 na Escola de Dança Denise Chemale Berger, em Porto Alegre. Passou pelos ensinamentos em Jazz com a professora Anette Lubisco e Suzana D'Ávila, entre outros. E também fez especialização em Ballet Clássico e Jazz no Worcester Performing Arts, em Worcester, Massachusetts, EUA.

3. METODOLOGIA

A metodologia escolhida para investigar as questões e objetivos dessa pesquisa foi a de caráter qualitativo, isto é, há a crença de que as generalizações não são possíveis, pois refere-se a um contexto particular; se centra na descrição, análise e interpretação das informações colhidas durante o processo investigatório; e os instrumentos utilizados não se servem de modelos matemáticos. (NEGRINE, 2004)

3.1 População e Amostra

3.1.1. População

Foram escolhidas professoras conhecidas no circuito de dança de Porto Alegre: Laura Nicolaiewsky, na qual foi minha primeira professora de Jazz, e Caroline Danni, por sua contribuição teórica na formação de professores sobre currículo em Jazz.



Foto 1: Retirada da página pessoal de Laura Nicolaiewsky



Foto 2: Retirada da página pessoal de Caroline Danni.

3.1.2 Amostra

Para as entrevistas escolhemos 2 (dois) professoras de Jazz a partir da proximidade e disponibilidade.

3.2 Instrumentos da Investigação

Para o presente estudo escolhi utilizar como instrumento de coleta de dados a entrevista com perguntas abertas. Para Negrine (2004) a entrevista semiestruturada é realizada utilizando questões previamente definidas pelo pesquisador, porém, permite que se explore outras questões que não estavam previstas durante o processo de coleta de dados.

As questões norteadoras para a entrevista foram realizadas de acordo com os objetivos definidos para o estudo. A estrutura desta pesquisa possui caráter qualitativo.

Sobre a análise da entrevista qualitativa os autores Bauer e Gaskell (2002) colocam que é importante que o pesquisador faça uma imersão no texto, lendo-o e relendo-o, sempre considerando os objetivos da pesquisa além de procurar padrões e conexões entre os dados. Após, a transcrição e aprovação das entrevistas, as informações serão classificadas e categorizadas de acordo com os objetivos da pesquisa a fim de se realizar de uma análise e formulação do resultado.

3.3 Plano de coleta de dados

- a) Primeiramente, listou-se professoras de jazz de Porto Alegre a partir do conhecimento pessoal
- b) Contato com as escolas ou profissionais escolhidos, no qual foi solicitado o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).
- c) Realização das Entrevistas.
- e) Análise dos dados, discussão e escrita dos resultados.

3.4 Análises dos dados

A partir das entrevistas, se revisam os objetivos propostos, para que eles sejam a forma de organizar os dados colhidos da entrevista. Portanto, se respondem os objetivos específicos, um a um, para posteriormente, se responder o objetivo geral e a questão da pesquisa.

3.4.1 Entrevistas

Neste capítulo são discutidos os resultados a partir das entrevistas. Algumas vezes as opiniões das entrevistadas são semelhantes, complementares ou mesmo divergentes. Se compara as suas opiniões com os conceitos de diferentes autores, apontando suas semelhanças, diferenças ou

complementaridades.

As entrevistas ocorreram em dias e locais diferentes, de acordo com a preferência de cada entrevistada. Cada entrevista durou em média uma (1) hora, e foi gravada com o uso do celular. Decidi transcrever as entrevistas de acordo com os objetivos do trabalho, e não pelas perguntas da entrevista, a fim de responder de maneira ampla os objetivos. Desta forma, seguem abaixo esses resultados.

O primeiro objetivo específico foi conhecer o histórico dos professores entrevistados.

Laura Nicolaiewsky iniciou seu aprendizado aos 16 anos na escola de *ballet* do João Luiz Rola em Porto Alegre. Fazia cursos de jazz em São Paulo, o que permitiu que começasse a dar aulas de Jazz na escola para as amigas do grupo de dança. Buscou cursos com outros professores como Lennie Dale, Ricardo Ordonês do Ballet Stagiun, e Eneida Dreier, ambos com método do Luigi. Nas aulas de jazz era muito ensinado a técnica do *ballet* e nas viagens que fazia para o exterior percebia que a sua aula era muito parecida com as de fora do Brasil. E além do *ballet*, nos cursos de Jazz que fazia era dada ênfase ao ensino do isolamento do corpo para depois unir tudo. Laura falou também que hoje tem muitas modalidades de jazz, sendo que tem modalidade como o street jazz tem ser ensinado por professor de street. Laura afirma que o jazz *lyrical* não deve ser ensinado para uma criança porque tem que ter muito controle corporal. Porém a preparação das aulas de jazz, independente do estilo, geralmente são parecidos, o que vai mudar são os exercícios coreográficos; os passos serão executados com diferentes qualidades e intenções, de acordo com cada estilo de jazz.

A outra entrevistada, Caroline Danni Stein iniciou seu aprendizado em 1988 em Porto Alegre, com Andreia Simom, na Sogipa, depois participou do grupo Geração na Escola Chemale. Foi para Nova York para dar continuidade aos seus estudos no *Boston Ballet School* onde fez cursos de Jazz e *Ballet*. Voltando, ela entrou na Transforma Companhia de Dança da Suzana D'Avila. Fez cursos de Jazz com Anette Lubisco nesse tempo. Depois dançou no grupo Essência, do Aldo Gonçalves, e após no grupo da Anette Lubisco. Nesta época começou a dar aula na academia Tentos da Sandra Sax, ex-bailarina do Terpsi. A entrevistada começou substituindo a Sandra, seguindo a maneira dela de ensinar. Concomitantemente assumiu turmas de jazz para crianças entre 8 e 10 anos na Esporte Brasil. Após algum tempo abriu em sociedade o Estúdio de Ballet Ângela Ferreira onde começou a desenvolver o seu método de ensino de Jazz para crianças de 6 a 12 anos.

Como podemos observar ambas as entrevistadas tiveram uma formação semelhante a diversos bailarinos e coreógrafos mencionados em HAAS (2013). A influência dos professores do exterior, sobretudo de Nova York marca o estilo de Jazz ensinado por Laura e Caroline.

O segundo objetivo foi discutir a contribuição pretendida por escolas e professores na

formação de novos professores. Sobre este assunto, Laura diz que formou a sua filha, teve outras alunas que orientou, mas não continuaram como professoras. Mas a Natalia, filha, se baseia no seu método.

Já a Caroline, quando iniciou a sociedade com o Estúdio Ângela Ferreira começou a escrever o método do *Jazz For Fun*. A escola tinha como objetivo criar metodologias de ensino para o *ballet* e o jazz. Com a professora Giordana Ostrek Webber começou a testar a metodologia. A Giordana ensinava com o método para crianças de 6 a 10 anos e a Caroline para o juvenil. Assim foi percebendo como deveria aplicar o método. Hoje a entrevistada oferece cursos pelo país sobre o *Jazz For Fun*.

Não encontrei nenhuma discussão sobre formação de professores, mas observando os dados históricos que relatam o encadeamento de professores de quem aprendeu com quem, podemos ter uma ideia de que esta formação ocorre de maneira não formal. Ou seja, é o “fulano” que fez aula com “beltrano”, que fez curso com “ciclano”. Isso é ainda mais visto com professores que não tiveram a oportunidade de fazer uma formação, como a de Caroline, na *Boston Ballet School*. Sendo assim, o aprendizado de como ser professor é passado de professor para professor, onde cada um ensina a sua forma de ensinar, esta é aprendida e atribuída da forma e características de quem aprendeu e assim por diante.

O terceiro objetivo foi apontar possibilidades de planejamento anual/ semestral ou de outro formato. Segundo a Laura, o planejamento de suas aulas é mensal, mantendo também a mesma coreografia durante o mês. No período de ensaios para espetáculos de final de ano, ela não deixa de fazer o aquecimento no início da aula, pois entende que este momento ajuda o aluno a se concentrar para o ensaio posterior. Apesar de planejar a aula mensalmente, tem flexibilidade, pois pode entrar uma aluna que não tem muitas habilidades desenvolvidas e desta forma altera um pouco seu planejamento a fim de trabalhar um pouco mais com a aluna para que fique a turma homogênea.

A entrevistada Caroline tem um planejamento anual, o conteúdo é dosificado, e mensalmente o professor pode ir inserindo os conteúdos previstos. Ela entende que tem conteúdos que precisam seguir uma ordem correta, por exemplo, é necessário ensinar primeiro o *passé* pra depois fazer a pirueta. O importante é que no final do ano o aluno tenha aprendido tudo que está previsto para aquele nível.

O tempo que será escolhido para se executar o planejamento está inserido nas estratégias que o professor vai usar. Como vimos, Marques (2010) define estas estratégias como os procedimentos (meios de transportes) selecionados para serem aplicados à metodologia (estrada), não esquecendo que independente do planejamento ser anual, mensal ou anual, ele deve estar alinhado ao objetivo que se quer chegar.

O quarto objetivo consistiu em identificar os critérios que estabelecem os níveis de aprendizado que definem as turmas das escolas. A Laura diz que tem que ter jogo de cintura, pois às vezes na turma pode ter meninas de diferentes idades; por exemplo, numa turma que compreende crianças de 8 a 10 anos pode entrar uma de 12 anos.

Na escola onde leciona, a faixa etária é dividida mais ou menos de dois em dois anos, mas se entram muitos alunos novos e as alunas se destacam, a escola mistura as turmas. Também acontece de algum aluno não poder no horário que seria mais adequado para ele; quando isso acontece este aluno é inserido em outro horário, de outro nível, e desta forma a professora tem que tentar trabalhar todas as habilidades, independente da heterogeneidade de níveis. Laura entende que tem que avaliar a capacidade da turma, no todo, e especificar exercícios para grupos de alunas de acordo com o nível que se encontra mesmo estando todas na mesma turma.

Já na escola da Caroline as turmas são divididas pela faixa etária, mas também pela particularidade da criança que vai ser inserida. Quando uma criança entra na turma mas não está no mesmo nível que as demais, são ensinadas as coisas que as outras já aprenderam, sem fazer a turma atrasar; a aluna acaba tendo uma progressão num tempo mais rápido que as outras alunas. Caroline pensa que numa turma mista, que tem crianças de 6 a 9 anos, ela faria um aquecimento que todas conseguissem fazer, com um alongamento simples. Na hora da diagonal dividiria a turma, especificando exercícios, assim como na coreografia.

No que se refere a níveis também há pouca contribuição acadêmica sobre isso, porém como vimos, Laban (1974) comenta que é adequado que crianças até os 10 anos tenham uma aprendizagem de dança mais metódica; entendo isso como a forma mais habitual de ensino, onde o aluno copia os passos do professor. E a partir dos 12 anos as crianças já podem aprender de maneira mais complexa, com uso da criação por elas e também explorando e desenvolvendo mais a técnica do estilo de dança em questão. Percebo que ambas entrevistadas percorrem este caminho descrito por Laban e que as exceções, como alunos novos e outros, podem ser resolvidos de maneira criativa e perspicaz pelo professor e também pela escola como um todo.

O quinto objetivo concerne em distinguir as diferenças de conteúdos (passos, exercícios, alongamento) nos diferentes níveis de aprendizado, com ênfase em crianças. A entrevistada Laura disse que no seu planejamento geral normalmente utiliza no aquecimento exercícios como o *plié*, *tendu* e pirueta. Mais para o final da aula faz exercício de diagonal e coreografia. Prefere fazer exercícios para flexibilidade no fim da aula para não deixar a musculatura “mole” para os grandes saltos, pois ela entende que é necessário estar com a musculatura firme para saltos. Laura acrescenta dizendo que prioriza a nomenclatura correta e que as vezes faz diagonal diferente, dependendo do que o grupo de alunos já sabe fazer.

Sobre o *playlist*, Laura pede para que as alunas tragam umas músicas para estimular que elas busquem e pra que fiquem mais felizes.

Ela ressalta que no aquecimento e trabalhado alongamento, não flexibilidade. Também faz *battement* frente e lado, *passé* para entender que o joelho deve estar em direção da ponta do pé, e que no tronco, deve-se crescer a cintura. Esses elementos devem ser exercitados a vida inteira. Além disso, ela trabalha força com apoio e rolamentos, sendo que a partir de 8 anos, faz exercícios de abdominal. Ela diz que só não ensina acrobacias. Para ela as coreografias devem ter os elementos do jazz e desenhos bonitos, sem deixar muito complexo.

Laura comenta que a aula de jazz é parecida com uma aula de *ballet*. No início trabalhamos exercícios de cabeça, braço, *demi-plié*, depois fazemos *grand plié* na segunda e depois na primeira. Assim como, primeiro fazemos o equilíbrio com os dois pés, depois no *passé*, e também podendo se fazer de olho fechado, ela vai agregando dificuldades de acordo com a idade e o tempo de aula que as alunas já fazem. Com o tempo pode ir deixando o exercício mais difícil, aumentando a velocidade, por exemplo.

Laura fala que caso entre uma menina nova numa turma bem evoluída, ela volta atrás, e recapitula. Sendo que alunas mais evoluídas têm que fazer melhor porque já estão há mais tempo, e não fazer mais fácil porque tem uma que não está fazendo.

Sobre proporcionar momentos de autonomia e criatividade, Laura conta que em suas aulas pede que elas assumam um personagem e elas tem que fazê-lo na aula toda. Desta forma as alunas ficam atentas e presentes na aula, para tudo sair mais vivo. Ela faz isso especialmente nas coreografias. Além disso, ela faz uma sequência e as alunas têm que fazer os passos em outra ordem. Depois de ensaiado, as alunas apresentam para quem esteja na escola.

Laura acrescenta que o planejamento de aula tem que estar bem programado, especialmente no final do ano que tem que ensaiar, para dar tempo de fazer os exercícios para direita e para esquerda.

A Carloline Danni tem o seu planejamento bem dividido considerando as idades. No pré jazz, as crianças de 6 e 7 anos vão aprender a saltar, porque ela considera que o salto é inato da criança. Os conteúdos de ginástica, saltos e rolamentos são ensinados até os 9 anos. Nesta faixa etária a criança começa a fazer os giros, *deboulé*, *soutenu* e pirueta.

As aulas para as crianças de 6 a 9 anos são mais lúdica, com ênfase na motricidade e musicalização. O trabalho de flexibilidade e força é feito com o objetivo delas desenvolvem a mobilidade. Para as alunas acima de 9 anos de idade são trabalhados os exercícios do *ballet* como o *battument*, *tendu* e *rond de jambe*, para que as alunas entendam que isso é importante dentro da dança jazz. Nessa idade ela trabalha flexibilidade e força, pois nesta fase as alunas querem ter

flexibilidade. Na diagonal são dados exercícios específicos da técnica de jazz e nas coreografias ela aborda diferentes estilos de jazz.

Dependendo da turma, a Caroline estabelece uma meta bem específica para atingir com a turma. Ela acredita que na aula não pode só ensinar coreografia, tem que ensinar os movimentos da técnica para poder depois explorar nas coreografias.

Como podemos observar na descrição das aulas das professoras entrevistadas os exercícios abordados e a sequência de aula se assemelha muito com a descrita por KRAINES & PRYOR (2005), sobretudo no que se refere ao aquecimento e aos exercícios de dissociação e consciência corporal.

O sexto objetivo foi apontar metodologias utilizadas no ensino da dança Jazz. Laura diz que a metodologia de Jazz está sempre se modificando, por isso está sempre se atualizando. As aulas dela mudaram muito, mas tem elementos que tem que dar sempre, como o trabalho de dissociação. Acrescenta dizendo que não compara um aluno com outro, quando uma aluna não consegue fazer uma coisa; nessas situações a Laura procura ressaltar as qualidades que a aluna tem. Estimula que as alunas melhorem, praticando aquilo em que tem maior dificuldade e aprimorem aquilo em que tem mais potencial.

A Caroline conta que o seu método já mudou muito, porque faz trocas de informações com outros professores durante os cursos que oferece, assim ela vai modificando coisas no método. Tem elementos que ela ensinava acima dos 8 anos, mas que percebeu que podia adiantar. Ela acrescenta, e concorda com a Laura que quando a criança já faz *ballet* ela aprende com mais facilidade o Jazz.

Relembro que segundo Marques (2010) existem três elementos definidores de uma metodologia para o ensino de dança. O conceito de corpo, atrelado em como o professor vê, percebe, trabalha, pensa o seu corpo e o dos outros. O conceito de dança, como o professor percebe a dança, se ela é uma técnica codificada, se é expressão individual, se é entendida como recurso educacional ou expressão artística. O conceito de educação, e de ensino que irão gerar as diretrizes para definir uma escolha metodológica. Nesse sentido o entendimento de metodologia, levando em consideração tudo que foi dito pelas entrevistadas, vão de encontro com o pensamento de Marques e também com Fusari (2009) quando ela fala sobre o método tradicional de ensino, em que o professor encaminha o conteúdo através de atividades a serem fixadas pela repetição, tendo a finalidade de exercitar o olho, a mão, a inteligência, a memorização. Além disso, percebo que as palavras de Laura, quando ela diz que nunca compara um aluno com outro, me remetem ao o que KRAINES & PRYOR (2005) recomendam sobre fazer críticas e correções individualmente para cada aluno.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Acredito que os resultados obtidos foram bastante esclarecedores. Apesar de ter entrevistado apenas duas pessoas, pude perceber que ambas possuem metodologias semelhantes. Isto pode estar relacionado com a formação delas, que se embasa na técnica do *ballet*; isso acaba influenciando a forma de dar aula e sobretudo os exercícios que são escolhidos.

Apesar de cada entrevistada ter a sua forma de planejamento, Laura (mensal) e Caroline (anual), ambas concordam que tem de se ter flexibilidade, pois cada turma tem suas peculiaridades. Especialmente quando a turma possui alunos com níveis heterogêneos ou mesmo quando entra uma aluna nova.

Sobre os conteúdos que devem ser ensinados, as entrevistadas diferem apenas sobre os movimentos acrobáticos, pois a Laura não considera importante que eles sejam incluídos nas aulas, já a Caroline gosta de ensiná-los, especialmente quando as crianças estão com 6 a 9 anos, assim quando elas chegam no jazz juvenil as alunas já tem domínio dos movimentos. Em relação aos outros exercícios ambas consideram que as alunas devem aprender a base do *ballet*, como: ter postura (saber “encaixar o quadril”), saber fazer *o plié e tendus*. Assim como, também consideram importante aprender a fazer as piruetas de maneira crescente, ou seja, aprendendo a fazer os *elevés* e *passés* primeiro para depois girar; aprender as dissociações, o swing, e na diagonal os *battement* e os saltos.

Sobretudo o que foi mais esclarecedor é o que se refere aos níveis, pois percebi que esta divisão não precisa ser engessada. Eles servem mais como um direcionamento para o professor poder fazer seu planejamento e a escola se organizar, a fim também de verificar e estimular a evolução do aluno.

Esta era a minha maior dúvida, em especial quando temos uma turma muito heterogênea, como fazer todas as alunas evoluírem, cada uma no seu nível, sem prejudicar ninguém. Tanto a Laura como a Caroline demonstraram que isto é possível, claro não é a forma ideal, mas tem como desenvolver as habilidades das alunas de maneira que todas evoluam. É interessante observar que eu tenho feito em minhas aulas o que ambas fazem neste sentido, em especial nas coreografias.

Pontos importantes para o planejamento das aulas foram acrescentados pelas entrevistadas, Caroline falou que estabelece metas para algumas turmas, estimulando que as alunas dominem o movimento até o final de um período determinado. Usar metas, ao meu ver, também pode estimular o professor a criar maneiras diferentes para que o aluno atinja a meta estabelecida, deixando a aula mais rica. A criatividade também é considerada importante para as entrevistadas, ambas gostam de realizar exercícios que explorem a criatividade e autonomia das alunas, o que é muito importante, pois mostra que a metodologia também pode ser flexibilizada, uma vez que as alunas não precisam

estar sempre presas a copiar o professor. Eu gosto muito deste jeito de ensinar, acredito que o aluno aprende muito mais rápido quando participa de alguma forma do processo.

Penso que as minhas perguntas foram respondidas para além do que eu gostaria, pois coisas muito importantes foram ditas pelas professoras. Sobre tipos de metodologia por exemplo, Laura disse que não compara um aluno com outro, esses detalhes são extremamente importantes, percebemos como o professor é, e no que sua maneira de pensar influencia suas escolhas de como ensinar.

Acredito que o que fica também deste trabalho é a mensagem de que para ser um bom professor de Jazz tem que estar sempre se atualizando, fazendo aulas e cursos de Jazz mas também de outras modalidades de dança, pois o Jazz é uma dança que agrega muitas danças. Outra coisa que temos que pensar é que mudar é importante, e que se for necessário alterar seu método para assim planejar aulas melhores e ensinar melhor, isso tem de ser feito.

5. CONCLUSÃO

Sendo assim, o objetivo geral que é - Investigar o ensino da dança Jazz em Porto Alegre em duas escolas de cursos livres com ênfase na formação inicial, traz a visão de duas professoras proeminentes na cidade de Porto Alegre sobre o ensino da dança jazz. Como já mencionei, apesar de ter entrevistado apenas duas professoras, percebo que estes dados obtidos podem responder de maneira geral o meu problema de pesquisa, uma vez que assim como a maioria dos professores de Jazz de Porto Alegre, a Laura e a Caroline, cada uma com suas particularidades dão continuidade ao trabalho realizado pelos professores que as formaram. Ambas exploram a técnica do Jazz de maneira semelhante, dando bastante relevância para os elementos do *ballet*, mas também ressaltam a importância de se ter uma base em várias danças, pois o Jazz é uma modalidade que permite a fusão de elementos. Sobre a metodologia empregada, as entrevistadas, cada uma a seu modo, dando o seu próprio estilo de ensinar, seguem um formato comum utilizado pela maioria dos professores de Jazz, pelo menos é o que percebo me baseando também nas experiências que tive como aluna. Concluo, assim, que esta pesquisa cumpriu com as expectativas. Terminei este trabalho com a tranquilidade de estar no caminho certo como professora e que do meu jeito tenho contornado as dificuldades apresentadas pelo mercado de trabalho, sobretudo no que se refere as dificuldades de se ter tornar ideais. Nós professores temos que ser indivíduos multi-tarefas e estar sempre se atualizando para instigar os alunos e torná-los criativos e autônomos.

REFERENCIAS

BAUER, Martin W.; GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 516 p. 2002.

DANTAS, Isabel; JESUS, Caroline K. Propostas Coreográficas da Dança Jazz na Cidade de Porto Alegre. Revista Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.31-43, jul/dez.2012

FERRAZ, M. H. C.; FUSARI, M. F. R. Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GARCIA, Ângela e HAAS, Aline N. **Ritmo e Dança: aspectos gerais**. Canoas, RS: Ulbra, 2006. 204 p.

HAAS, Aline N.; DALMOLIN, Caroline; PORTO, Natália A. **Dança Jazz em Porto Alegre: origens e evolução**. Rev. ARQUIVOS em Movimento, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.50-64, jan/jun2013.

KRAINES, Minda G; PRYOR, Esther. Jump into Jazz: The Basics and Beyond for Jazz Dance Students. 5 ed. McGraw-Hill Publishing Company, 2005.

LABAN, Rudolf. Dança Educativa Moderna. São Paulo: Ícone, 1990. 128p

MARQUES, Isabel. Metodologia do ensino da dança: luxo ou necessidade? In: Roberto Pereira e Silvia Soter (Orgs). Lições de Dança, Rio de Janeiro: UniverCidade. 2004 p.135-160.
——— Linguagem da Dança Arte e Ensino. 1ª ed. São Paulo: Digitexto, 2010.

NEGRINE, Airton. Instrumentos da coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS; MOLINA NETO. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS/Sulina, 2004.

SHULMANN, Nathalia. **Da prática do jogo ao domínio do gesto**. In. PEREIRA, R. e SOTER, S. (Org.) Lições de Dança 1. Rio de Janeiro: UniverCidade, 1998.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dançando na chuva e no chão de cimento. In. Ferreira, Sueli (Org.). O Sino das Artes: Construindo Caminhos. São Paulo: 145, 2001.

ANEXO1



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
 LICENCIATURA EM DANÇA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA		
Título do Projeto:		
Área do Conhecimento:	Curso: <i>Licenciatura em Dança</i>	Unidade:
<i>Dança</i>	ESEFID/UFRGS	
Nome da pesquisadora: Luiza Gil Vargas da Silveira (luvargas.silbio@gmail.com)		
Nome da Orientadora: Flavia Pilla do Valle (flavia.valle@ufrgs.br)		
ESCLARECIMENTO SOBRE A PESQUISA		
<p>Vimos através deste, convida-la para participar do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) da pesquisadora e professora acima citada. A pesquisa tem por finalidade investigar quais métodos tem sido empregados nas aulas de dança Jazz e a forma que é estabelecido o nivelamento para as turmas. Para isso, será feito o uso de entrevista para os professores, na qual será gravada. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação. O material resultante do trabalho ficará depositado no Lume- Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).</p> <p>Sua participação é voluntária. Ele (a) não receberá qualquer compensação pela participação na pesquisa. Outros esclarecimentos acerca deste estudo poderão ser obtidos junto à pesquisadora.</p>		
<p>Eu, _____, portador do RG _____, fui informado sobre a pesquisa, e após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordo em participar voluntariamente da pesquisa e assino este documento.</p>		
<p>Porto Alegre, ____ de _____ de 2018.</p>		
<p>_____</p> <p>Assinatura do responsável</p>		

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO

Este questionário faz parte do trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, tendo como responsável a graduanda: Luiza Gil Vargas da Silveira

NOME:

1. Quais foram as influências na sua formação como professora de Jazz?
Como começaste a dançar? Com quem estudastes Jazz?

1. Como você foi preparada para dar aulas de Jazz?

Apontar possibilidades de planejamento anual/ semestral ou de outro formato.

1. Como você planeja suas aulas?
2. Você notou alguma diferença do início da sua carreira de professor para os dias atuais? O que mudou?
3. Como você prepara seus alunos experientes para ser professores?

Identificar os critérios que estabelecem os níveis de aprendizado que definem as turmas das escolas.

4. Quais são os critérios utilizados para estabelecer os níveis de aprendizado que cada turma terá? Como isto influencia na formação das turmas da escola?
5. Você acha que nivelar os alunos por faixa etária é positivo para o alcance do nivelamento do grupo?
6. Caso, no seu trabalho, entra um aluno novo, como você estrutura o planejamento da aula?

Conhecer as diferenças de conteúdos (passos, exercícios, alongamento) nos diferentes níveis de aprendizado, com ênfase em crianças.

8 Você distingue os conteúdos de acordo com o nível que a turma possui?

Apontar metodologias utilizadas no ensino da dança Jazz.

7. Como você desenrola sua aula? Como se organiza exercício após exercício? Como você passa as sequências e os movimentos?
8. Quando você tem uma turma heterogênea (nível, faixa etária, etc), que dicas você poderia nos dar?
9. Como você percebe a evolução do aluno?
10. Na sua visão, em turmas de nível misto, que metodologia você usaria para promover a evolução de todos os alunos?